

constitutivos. A experiência da presença da imensidão de Deus permanece imediata; ao mesmo tempo, o espírito humano guarda sua função de mediador. A presença divina se revela e se desvela na realidade humana e nas faculdades sobrenaturais do espírito humano, mas a imensidão divina esconde misteriosamente seu mistério. Assim, a atividade da fé é fundamental para o desenvolvimento pleno da inteligência e da razão humanas, pois possibilita ao ser humano abrir-se mais plenamente ao divino e contemplá-lo com maior eficácia.

## FOME, EPIDEMIA E CATOLICISMO EM SÃO PAULO (1918)

*Pe. Dr. Ney de Souza*

O texto apresentado a seguir retoma a situação no município de São Paulo em 1918, durante a epidemia da gripe espanhola. A crise gerada pela epidemia, que levou a população a uma grande dificuldade econômica e, portanto, à fome, são tratadas numa dinâmica analítica e de relação com o catolicismo popular, na perspectiva da criação de uma mentalidade em torno da grande catástrofe ocorrida.

A epidemia aconteceu durante o longo bispado de D. Duarte Leopoldo e Silva (1907-1938). Na primeira parte será realizada uma retrospectiva panorâmica das atividades de D. Duarte e, em seguida, a análise dos acontecimentos da epidemia em 1918.

## O BISPADO DE DOM DUARTE LEOPOLDO E SILVA (14/04/1907 – 13/11/1938)

Dom Duarte é filho do alfaiate português Bernardo Leopoldo e Silva, que jovem imigrou para o Brasil, e de Ana Rosa Marcondes Leopoldo. Era o mais velho de dez irmãos. Foi o primeiro arcebispo de São Paulo, nasceu em Taubaté no dia 4 de abril de 1867. No início de seus estudos queria ser advogado<sup>1</sup>. Em 1844, concluiu o curso preparatório, que era anexo à Faculdade de Direito, em São Paulo. Em seguida, mudou seu caminho e foi para o Rio de Janeiro, ingressando curso de farmácia da Faculdade Nacional de Medicina. Estudava de dia e para manter-se lecionava aulas particulares à

<sup>1</sup> ACMSP Documentação avulsa Dom Duarte Leopoldo e Silva. Nessa pasta se encontra o passaporte de D. Duarte, número 424, de 13 de março de 1925. Nele, além da foto do arcebispo, as suas impressões digitais.

noite. Esse ritmo de vida causou-lhe sérios problemas à sua saúde. Foi obrigado a abandonar o curso no segundo ano e voltou para a casa dos pais em Caçapava para recuperar-se e pensar o futuro<sup>2</sup>.

### A ENTRADA NO SEMINÁRIO

A vida de Duarte toma um novo rumo quando viaja para São Paulo a fim de matricular-se no Seminário Episcopal. O reitor era o monsenhor João Alves Coelho Guimarães, o mesmo que o batizara.

Monsenhor João Alves não demonstra entusiasmo com a decisão do candidato ao sacerdócio. O reitor percebe em Duarte uma inquietação, uma crise, uma incerteza. Monsenhor João recomenda ao jovem que volte para o Rio de Janeiro e conclua o curso que havia interrompido. Duarte insiste e Monsenhor João Alves não o impede. Em 1887 foi matriculado no Seminário. Os cursos que havia freqüentado colocavam-no em um nível acima dos demais alunos. Passou a lecionar no Colégio Diocesano, que funcionava anexo ao seminário. Sua saúde continuava frágil e assim seria por toda a vida.

A direção do seminário decidiu que Duarte poderia iniciar imediatamente os estudos de Teologia. Era praxe que o futuro padre dispusesse de um patrimônio próprio, mas disto Duarte foi dispensado, pois não tinha a menor condição de atender à exigência. Dom Lino Deodato o ordenou sacerdote no dia 30 de outubro de 1892, na capela do seminário episcopal. Celebrou sua primeira missa em Caçapava.

### D. DUARTE, ARCEBISPO DE SÃO PAULO

No início, dá continuidade aos projetos de seu antecessor, D. José de Camargo Barros (1904-1906). Em seguida, estabelece normas de organização

<sup>2</sup> Jornal *Lar Catholico*, 26 de maio de 1929.

para a cidade. O bispo preconiza uma divisão racional e ampla da diocese, com o objetivo de torná-la mais prática e governável. A idéia não era nova, o cardeal Arcoverde já cogitara o desmembramento da região Sul, dando-lhe como sede diocesana à cidade de Botucatu. D. Duarte queria um desmembramento maior e sua argumentação convenceu a Santa Sé.

No dia 7 de junho de 1908, o papa Pio X assinou o decreto que criava a Província Eclesiástica de São Paulo. São Paulo passa a ser Arquidiocese, com cinco dioceses sufragâneas: Taubaté, Campinas, Botucatu, São Carlos e Ribeirão Preto<sup>3</sup>. A criação do arcebispado<sup>4</sup>, por meio da bula *Dioecesium Nimiam amplitudinem*, é anunciada oficialmente pelo nuncio Alexandre Bavona no dia 18 de setembro. Dom Duarte toma posse como arcebispo na velha catedral em 11 de outubro de 1908. A cerimônia do recebimento do palio aconteceu somente no dia 29 de junho de 1909, na matriz de Petrópolis, celebrada pelo nuncio, com a presença do cardeal Arcoverde.

Em 7 de junho de 1908, Pio X escrevia: *Visto como o Exmo. e Revmo. Sr. Dom Duarte Leopoldo e Silva fora encarregado de reger a igreja catedral de São Paulo e muito se esforçou para erigir as novas sedes episcopais, Sua Santidade, em testemunho de sua peculiar benevolência para com ele, fã-lo Arcebispo da mesma Igreja de São Paulo, agora elevada à dignidade de Metropolitana, de modo que com o mesmo direito no futuro a reja, como agora rege...*<sup>5</sup>.

Dom Duarte foi o último bispo e o primeiro arcebispo de São Paulo. Foi arcebispo até 1938, quando faleceu.

<sup>3</sup> Quando D. Duarte assumiu a diocese de São Paulo, o território era constituído de 234 paróquias e um total de 300 mil *almas*.

<sup>4</sup> Com a criação do arcebispado, a diocese de São Paulo passava a contar com apenas 43 paróquias, as demais passavam a pertencer às novas dioceses: Botucatu (52), Campinas (35), Ribeirão Preto (36), São Carlos (28) e Taubaté (40).

<sup>5</sup> Chancelaria do Arcebispado. *Arquidiocese de São Paulo. Histórico*. (Jose Albanez). p. 14.

### A EPIDEMIA EM SÃO PAULO (1918)

Em maio de 1918, surgia na Espanha e depois na Alemanha, logo em seguida na Inglaterra, França, Itália, Holanda e Portugal uma gripe epidêmica, uma gripe de guerra que recebia o nome de gripe espanhola. No Brasil surgiu em outubro de 1918, na cidade do Rio de Janeiro, trazida por passageiros do vapor Demerara. O vírus da gripe encontrou condições favoráveis para se instalar: guerra, miséria, fome, má alimentação, frio, vida nas trincheiras. Assim, tomou forma grave e se alastrou.

Do Rio de Janeiro a gripe passou a São Paulo com uma enorme rapidez. Em São Paulo, para uma população de 528.295 habitantes, morreram de gripe, em 1918, cerca de 5372 pessoas. Os óbitos gerais chegaram a 14811.

A Igreja católica teve, num primeiro momento, uma participação modesta na ajuda aos necessitados. Ao contrario da Cruz Vermelha Brasileira, a Cúria Metropolitana, tradicionalmente responsável pela ajuda aos enfermos e necessitados, retardou sua inserção concreta no conjunto de entidades de socorro aos gripados<sup>6</sup>. Se no primeiro momento a Igreja católica se ateu a determinar as modalidades de atos litúrgicos específicos para serem celebrados em época de flagelo, a partir do momento em que o diretor do Serviço Sanitário, Artur Neiva, declarou limitada a intervenção deste órgão na crise, o arcebispo se empenhou na organização de um plano de ajuda aos carentes, modelando-se nas atividades já praticadas pela Cruz Vermelha.

A ação da Igreja tornou-se praticável graças às vultuosas doações feitas a ela, podendo D. Duarte contar com a maior verba posta à disposição de uma instituição não dirigida pelo Estado, durante a epidemia. Foram recebidos cerca de 253:500\$000 reis do próprio governo estadual e ainda outras significativas doações da Liga Nacionalista, da Associação Comercial e da Comissão Estado-Fanfulla, que elevaram os recursos de amparo aos necessi-

<sup>6</sup> C. B. FILHO. *A gripe espanhola em São Paulo*. p. 188.

tados para a cifra de 342:359\$660 reis, montante que representava quase dois terços do dinheiro utilizado pela Prefeitura paulistana para o mesmo fim<sup>7</sup>.

As grandes deficiências dos serviços de socorros e a morosidade com que a Igreja executava suas propostas, inclusive a de inserir-se diretamente na luta contra a epidemia, foram parcialmente sobrepujadas a partir de fins de outubro, quando a Confêrencia de São Vicente de Paula, entidade formada por cristãos leigos, colocou todos os seus filiados à disposição de D. Duarte. A maior parte das atividades atribuídas à Cúria foi executada por aproximadamente 800 confrades vicentinos, distribuídos em 64 grupos, que atuaram praticamente em todo o Município de São Paulo e ainda em localidades vizinhas, notadamente em São Bernardo do Campo e Santo Amaro. Esta última área ainda não havia sido anexada ao território paulistano. O laicato, em relação ao clero paulistano, teve uma atuação de grande importância na organização e solidariedade efetiva com os enfermos.

Dentre as principais atividades desempenhadas pelos vicentinos, destacavam-se as visitas realizadas ao maior número possível de residências. Averiguavam o estado de saúde das famílias mais pobres; caso fossem localizados gripados, notificava-se ao Serviço Sanitário sobre as novas infecções e, onde fosse necessário, os confrades comprometiam-se a prover o transporte e a internação dos enfermos ou a aquisição de urnas funerárias e o sepultamento. Graças às doações, os vicentinos puderam ampliar a finalidade de sua atuação, e em meados de novembro, passaram a distribuir vales de alimentação.

A população pobre poderia conseguir comida gratuitamente ou, pelo menos, com substanciais descontos no preço. Os confrades eram orientados também a divulgar medidas curativas e preventivas, estipuladas pela Medicina e, ainda, a informar sobre os hospitais que dispunham de leitos vagos para o acolhimento dos enfermos<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> "Influenza Hespanhola", *O Estado de São Paulo*. 1/11/1918, p. 3.

<sup>8</sup> "Gripe Hespanhola", *O Combate*. 19/11/1918, p. 3.

A agilidade e rapidez demonstradas pela Conferencia Vicentina no auxílio aos necessitados fez com que, em pouco tempo, essa entidade ganhasse ampla simpatia e apoio da população. Por outro lado, os paulistanos criticavam o arcebispo por anunciar como do clero paulistano as atividades desempenhadas pelos vicentinos, denunciando que a instrução dada por D. Duarte aos religiosos da cidade era a do isolamento nos conventos e seminários para que não sobreviesse o contágio<sup>9</sup>.

No início de novembro, era ainda reduzida a parcela de religiosos que havia efetivamente se engajado no combate à epidemia. Além do arcebispo, que foi designado para a coordenação dos socorros aos necessitados, dos vigários que atuavam nas paróquias e de algumas ordens femininas que serviam na enfermagem, o clero pouco atuou contra o flagelo, excetuando-se os monges beneditinos do Mosteiro São Bento, no centro da capital.

Quanto aos padres das paróquias, existentes no município - numericamente diminutos em relação ao total de sacerdotes residentes em São Paulo -, sua atuação foi de vital importância para os enfermos, principalmente nos distritos mais afastados. Coube aos vigários servir, mesmo que informalmente, como noticiadores das condições epidemiológicas e das mais prementes necessidades das áreas em que atuavam. Exemplo disto foi do vigário de Santana, que no decorrer de sucessivos dias alertou o arcebispo quanto ao Serviço Sanitário, sobre a urgência da instalação de um hospital em seu distrito, pois lá não havia nem médicos nem qualquer tipo de transporte motorizado que permitisse o deslocamento dos gripados para os hospitais situados na área urbana. O padre já havia tentado remediar a situação e, com o auxílio dos vicentinos, com escassas doações e uma carroça, percorria o vasto distrito de Santana, levando apoio espiritual, remédios e alimentos para as famílias mais

<sup>9</sup> "Influenza hespanhola", *O Estado de São Paulo*. 2/11/1918, p. 4. Necessário ressaltar que os padres eram preparados para substituir os médicos junto aos enfermos. O exemplo disto se encontra no livro que contribuía para a formação sacerdotal: F. A. C. das NEVES (org.) *O padre junto aos doentes e moribundos*. 2 vols.

carentes. Depois de muita insistência, a Liga Nacionalista resolveu instalar um hospital no grupo escolar local, situado na Rua Voluntários da Pátria, no momento em que a epidemia aproximava-se de seu auge<sup>10</sup>.

Padres e vicentinos também foram vitimados pela peste e isso determinou a mudança de atitude do arcebispo, que passou a fomentar a maior participação do clero na campanha de socorro aos enfermos e necessitados, quando a influenza tornou-se mais avassaladora do que nunca. Diante disso, algumas ordens religiosas quebraram o isolamento e passaram a distribuir sopa à população incapacitada de adquirir alimentos, e o clero regular substituiu párocos enfermos. Assim, como outras associações religiosas, decidiram preencher os vazios causados pela epidemia nas fileiras vicentinas, dentre elas a Congregação Mariana, a Legião de São Pedro e a União de Santo Agostinho<sup>11</sup>.

Devido ao engajamento de novos grupos católicos no problema sanitário e à continuidade das doações feitas à Igreja, D. Duarte pôde montar, ainda que tardiamente, 14 hospitais provisórios, quase todos em edifícios de escolas mantidas pelas ordens religiosas, o que equivale dizer que esses hospitais estavam localizados nos distritos centrais da cidade ou em suas vizinhanças. Por fim, em comunhão com a Liga Nacionalista, a Cúria Metropolitana instalou um orfanato com capacidade para 150 crianças. Sem uma explicação, esse orfanato, localizado na Rua Martinico Prado, na Consolação, foi, ainda, durante a epidemia, interditado pelo juizado de Menores da Capital, e as crianças foram distribuídas por vários internatos mantidos pela própria Igreja<sup>12</sup>.

Os documentos do Arquivo da Cúria relatam que dois terços das verbas recebidas pela igreja Católica foram aplicados na compra, preparo e distribuição de alimentos para a população carente, restringindo-se a outra terça parte

<sup>10</sup> Relatório apresentado ao Exmo Sr. Dr. Presidente do Estado pela Cúria Metropolitana de São Paulo. p. 238.

<sup>11</sup> *Ibidem*. p. 242.

<sup>12</sup> *Ibidem*. p. 244.

à manutenção dos hospitais provisórios, do orfanato e na aquisição de medicamentos<sup>13</sup>.

Apesar das inúmeras críticas no que concernia à escassez de sacerdotes junto à população durante o período crítico da saúde pública paulistana, terminada a epidemia, a Igreja recebeu inúmeras homenagens, inclusive do próprio Vaticano. Em mensagem datada de 24 de maio de 1919, o papa Bento XV assim se referiu ao luminoso exemplo oferecido por D. Duarte Leopoldo e Silva: *Tristes e alegres notícias há pouco daí recebemos: pois com a que nos veio acerca das proporções vastíssimas que entre vós, como por quase todo o mundo, assumiu a epidemia, também chegou a do que foi empreendido por tua caridade e constância e que tem sido encomiado por forma que se não poderia desejar melhor. Realmente, quando, segundo se fez notório, a tal ponto chegaram às coisas que, os que não haviam sido atingidos pelo morbo, eram empolgados pelo medo e ante o vasto espetáculo da morte se retraíam de prestar serviços, tu, fazendo-te não ouvinte esquecido mais praticante ativo das obras do bom pastor, acudiste ao teu rebanho com todos os benefícios da caridade, expondo ate a vida... Cresceu em extremo a nossa benevolência pra contigo!*<sup>14</sup>.

Quanto aos beneditinos, estes desenvolveram uma grande atividade durante a epidemia. Sendo uma das ordens de maior prestígio e riqueza da cidade e, não obstante as pesadas dívidas assumidas quando da construção de seu novo edifício, a Ordem Beneditina, logo após a suspensão das aulas de seu colégio, no dia 28 de outubro, adaptou o pavilhão de esportes da escola, transformando-o num hospital provisório com capacidade para 100 leitos<sup>15</sup>. Ainda que subordinado à Cúria Metropolitana, esse hospital nada recebeu em espécie ou dinheiro de D. Duarte, dessa forma, sua instalação e manutenção ficaram a cargo dos próprios monges. Além dos beneditinos, o governo es-

<sup>13</sup> ACMSP 9-3-11. Existe um documento em latim acompanhado de uma tradução para o português.

<sup>14</sup> 'Hospital de São Bento'. p. 40.

<sup>15</sup> Ibidem. p. 41.

tadual e a Cruz Vermelha colaboraram para a manutenção do hospital com remédios e mantimentos.

Apesar do número significativo de leitos existentes no hospital de São Bento, até meados de dezembro foram atendidos somente 140 enfermos, muitos deles acometidos por outras enfermidades que não a gripe. O número de leitos preenchidos nunca ultrapassou a casa dos 60. O subaproveitamento do pessoal destacado para atuar nesse hospital, permitiu que os monges se engajassem em outras formas de auxílio à população. Tradicional ponto de distribuição de sopa para os pobres, durante a epidemia, os sacerdotes do mosteiro de São Bento intensificaram essa atividade, tornando-se responsáveis pela organização de trens de socorro que visitavam o bairro do Pari, situado no distrito do Brás, levavam alimentos à população trabalhadora, com distribuição diária de não menos que 700 porções de sopa<sup>16</sup>.

#### RELIGIOSIDADE E A GRIPE DE 1918

Quando se trata de uma questão de epidemia, de saúde pública, o discurso médico é o predominante. No caso da gripe espanhola, aparecia um outro discurso que visitava o imaginário da população paulistana: a morte, e o fim do mundo. Tudo isso foi devido ao desconhecimento e ao medo inspirados pelo flagelo. A epidemia foi miticamente interpretada como um acontecimento mais trágico da conjunção de flagelos que marcou os anos de 1917-1918: a guerra, a peste e a fome nada mais representavam que um único movimento, produto da ira divina, anúncio de que o tempo do apocalipse aproximava-se. Neste caso, é possível falar de um medo profano e de uma outra forma de medo, o sagrado. Ambas as expressões mostravam-se complementares e por fim, fundidas em um único discurso.

<sup>16</sup> C. B. FILHO. *Op.cit.* p. 193.

A doença perdeu sua qualidade substantiva para ser entendida como um elemento adjetivador – a marca de um tempo nefasto, o símbolo de um mundo em irremediável extinção<sup>17</sup>. Tudo era percebido como tocado pela degeneração. O homem se mostrava corrompido, tornando-se mais e mais perverso, ganancioso e mau. Tais constatações instigaram um *católico não romano* a se pronunciar publicamente: *o espiritismo consiste na cultura do amor ao próximo, extirpando todos os maus sentimentos de nossos corações. Assim ele transformará o mundo num paraíso, exterminando as pragas que nos infernam, tais como: a peste, a fome, a guerra, geada, lagarta rosada, padre, gafanhoto e outras*<sup>18</sup>.

Apesar da presença da voz espírita ser uma constante no momento agudo da epidemia, mais importante que ela, para o estudo da visão trágica do Homem e do Mundo, que se revelou claramente nos últimos meses de 1918, foi o discurso do Catolicismo. A principal peça documental para a análise do discurso mítico apocalíptico é o texto da “Missa em tempo de mortandade ou de epidemia”, cerimônia que D. Duarte determinou que fosse celebrada diariamente em todas as igrejas do município enquanto perdurasse o flagelo<sup>19</sup>.

Conhecida em latim como a *Missa pro vitanda mortalitate, vel tempore pestilentiae*, esta celebração, em tudo contribuía para a confirmação da gripe espanhola como fruto da decisão divina de punir a parcela da humanidade que se recusava a obedecer aos princípios e dogmas cristãos. Nessa cerimônia, o sacerdote obrigatoriamente se apresentava aos amedrontados fiéis, ornado de paramentos roxos e, no decorrer da celebração, levava aos presentes a mensagem de que Deus Todo Poderoso enviara a peste, não como meio de extermínio da humanidade mais, como forma de penitenciar os pecadores<sup>20</sup>.

<sup>17</sup> S. SONTAG. *A doença como metáfora*. p. 57-70.

<sup>18</sup> “Contra as pragas”, *O Estado de São Paulo*. 27/10/1918, p. 8.

<sup>19</sup> “Culto Católico”, *A Gazeta*. 24/10/1918, p. 3.

<sup>20</sup> “Missa em tempo de mortandade ou epidemia”, em G. LEFEBVRE. *Missa Quotidiano e Vespéral*. p. 1766-1769.

O centro da missa recaía no Capítulo 24 do Segundo Livro de Samuel. Ali é narrada a pestilência que o Senhor fez abater sobre o povo de Israel, então liderado por Davi, este havia se afastado dos ensinamentos de Deus. Segundo o enredo bíblico, a epidemia constituía assim a punição de um povo pecador. Ordenada a devastação, 70 mil homens foram mortos pela ação do Anjo Exterminador e muitos outros seriam sacrificados se a misericórdia divina não interrompesse o terrível flagelo. Antes de terminado o prazo da punição, o Senhor reconciliou-se com o povo pecador, levando Davi e todos os sobreviventes a uma vez mais se submeterem à ordenação divina e, como prova da aliança entre Deus e os Homens, erigir novo altar ao Senhor, assim como lhe oferecer holocaustos e outros sacrifícios pacíficos<sup>21</sup>.

Do mesmo modo que a espírita, a explicação católica da epidemia de 1918 era dada pela separação entre os Homens e Deus, e nesse sentido, a remissão dos pecados e a prática da caridade seriam o único caminho para a reconciliação, só assim cessaria a penitência imposta a toda a Humanidade<sup>22</sup>.

O perdão divino parecia nunca chegar, o que levou as pessoas a se afastarem da impotente ciência e procurar na explicação sagrada a chave para a salvação coletiva. Apesar dos conselhos sanitários, as igrejas registravam, durante a epidemia, uma visitação maior que no período anterior à peste. Os jornais passaram a abordar com grande frequência o movimento religioso, informando os horários das missas e ladainhas, mesmo que a Igreja Católica houvesse abreviado em número e extensão as suas celebrações diárias. Da mesma forma, os anúncios de medicamentos contra a gripe passaram a contar com ilustrações em que era freqüente a utilização de motivos religiosos: a cruz dos cristãos foi um dos sinais mais explorados, com o destaque, também, para a presença da imagem de São Jorge, exterminando o dragão, identificado com a influenza. Em uma das propagandas do dentifício Lidol, produto indicado como preventivo gripal, uma mão, presumivelmente a divina, saía das nuvens e indicava um frasco do remédio anunciado.

<sup>21</sup> *Ibidem*. p. 1767.

<sup>22</sup> P. MOUTINHO. *Fatalidade e fé*. *A gazeta*, 30/10/1918, p. 2.

Intensificavam-se os atos litúrgicos que clamavam pela intercessão divina, que tardava a abrandar o flagelo. Aconselhava-se a recitação de ladainhas, que deveriam ser rezadas unicamente pelos fiéis em suas casas, já que as procissões penitenciais eram inviáveis naquele momento. Na imprensa, acumulavam-se artigos que, se raramente imploravam a Deus o fim da epidemia, discutiam a explicação religiosa de uma crise sanitária tão intensa.

Nesse contexto e clima, o farmacêutico diplomado e futuro historiador de São Paulo, Nuto Sant'Anna, publicou um longo artigo, significativamente intitulado *O fim...*, no qual deplorava a falibilidade de todos os que tentavam vencer a influenza, de médicos e administradores públicos a pitonisas e charlatães. O jornalista voltou-se para o que denominou de 'sabedoria popular', compondo um ilusório diálogo com um homem do povo. E era este que explicava a gripe espanhola: *Tudo isso é castigo. Já não há religião. Quando foi que se viu, como agora, tanta imoralidade?... Não vêem logo que a epidemia, que aumenta em bagalhões de misérias e mortes, numa aversão fabulosa de tudo, mais não é do que um prenúncio bíblico. Das centenas de milhares de cadáveres, que, apodrecendo em pungitibo espetáculo, juncaram e juncam as terras malfadadas da Europa herege e dissoluta, saiu, a invadir oceanos e continentes, esta doença, este desespero, esta maldição?*<sup>23</sup>. Ponderações como esta se multiplicavam, e refletiam as dimensões que assumira o drama epidêmico. A gripe foi redefinida, transmutando-se mais do que nunca em um objeto sagrado de especulação.

Mais do que difícil, tornava-se penoso viver na Paulicéia epidêmica e amedrontada. Quando chegou o Dia de Finados, as observações sobre a data, sempre ligadas à saudade daqueles que já tinham falecido, foram substituídas por um discurso pesaroso, no qual a morte passou a ser um fato desejável. Os homens atormentados pela epidemia invejavam os que já tinham falecido: *Felizes os mortos, que não mais experimentarão o ludíbrio das contradições do século, porque para eles cessou a prova do Destino, e dormem*

<sup>23</sup> N. SANT'ANNA. 'O fim...'. *Correio Paulistano*, 31/10/1918, p. 1.

*neste berço adorável, que é o da libertação de todas as injustiças do mundo e de todos os escarcéus e tristezas da passagem terrena*<sup>24</sup>.

Os horrores da epidemia conviviam, lado a lado, com a euforia que se intensificava. Tudo lembrava o flagelo: homenagens eram prestadas a diversas personalidades e instituições que participaram do socorro à população, e a Confederação de São Vicente organizava contínuas procissões à Igreja de Nossa Senhora da Penha para agradecer a Deus pelo declínio da epidemia.

No dia 22 de novembro, D. Duarte ordenou a suspensão da celebração da missa específica para tempo de peste e exortou os vigários e fiéis a substituí-la pela Missa dos Enfermos e pelas rezas endereçadas ao Nosso Senhor e a Maria Santíssima pela salvação das almas dos mortos da epidemia<sup>25</sup>. Além dessa decisão religiosa, outro evento denunciava o recuo da gripe. No dia 29 de novembro, quando o diretor do Serviço Sanitário compareceu na Rua São Bento, no prédio onde estava alojada a sede da Liga Nacionalista, realizou-se uma cerimônia na qual todas as autoridades presentes pronunciaram-se, exceto o próprio Artur Neiva, que se limitou a arriar a bandeira de socorro que havia sido hasteada no primeiro dia da epidemia<sup>26</sup>. A epidemia se encaminhava para o fim.

#### FONTES E BIBLIOGRAFIAS

ACMSP (Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo). Armário 9, prateleira 3, numero 11).

ACMSP Documentação Avulsa de D. Duarte Leopoldo e Silva.

Periódicos: *O combate*, *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo*, *Fanfulla*, *A Gazeta*.

<sup>24</sup> Simões Junior. 'Festa dos mortos'. *Correio Paulistano*, 2/11/1918, p. 1.

<sup>25</sup> ACMSP *O Estado de São Paulo* 22/11/1918, p. 5.

<sup>26</sup> 'Influenza hespanhola', *O Estado de São Paulo*, 30/11/1918, p. 4.

Chancelaria do Arcebispado de São Paulo. *Arquidiocese de São Paulo. Histórico*. (José Albanez).

BARROS, E. L. de. Desenvolvimento e planejamento urbano em São Paulo durante a República Velha. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*. v. 45, n. 195 (1982) 33-48.

BARKEN, J. C. *La peur et la mort*. Paris: Marabout, 1972.

BERTOLLI FILHO, C. *A gripe espanhola em São Paulo 1918. Epidemia e sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

BIRABEN, J. N. Epidemias e historia da população, in MARCILIO, M. L. (org.). *População e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1984, pp. 110-136.

BRUNO, E. da S. *Historia e tradições da cidade de São Paulo*. São Paulo: Hucite, 1984.

CARONE, E. *A República Velha: Instituições e classes sociais*. São Paulo: Difel, 1975.

MERHY, E. E. *O capitalismo e a saúde pública*. Campinas: Papirus, 1985.

NEVES, F. A. (Coord.). *O padre junto aos doentes e moribundos*. Porto: Centro de Propaganda Religiosa em Portugal e Brasil, 1907.

Pe. Ney de Souza é doutor em História da Igreja.  
Leciona na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

## JUDAS NA TRAMA DAS REALIDADES SIMBÓLICA E DIABÓLICA: INSTRUMENTO DE DEUS OU DE SATANÁS?

Pe. Dr. César Teixeira

### 1 - INTRODUÇÃO

O traidor foi recebido como uma incógnita e a traição como um escândalo por Jesus não tê-lo separado da íntima comunidade de mesa. Essa incógnita e escândalo aparecem na medida em que se constata justamente o mal agir de Judas, mas também sua existência como um discípulo do Senhor, um de seus eleitos que comia com Ele e O escutava por muito tempo. Assim sendo, de fato, a comunidade primitiva haveria de se perguntar como poderia Cristo aceitar um ladrão e traidor entre seus íntimos seguidores? Como poderia isto acontecer? Somente depois que a jovem Igreja respirou ares de tranquilidade, diante dos constantes ataques advindos dos poderes do mundo pagão, é que encontrou bases sólidas para compreender a traição de Judas, o discípulo de Keriot. E foi Orígenes quem por primeiro se ocupou com os terríveis problemas históricos e teológicos do evento da traição. Seus pontos de vista serviram de base para as teologias que dependeram destes por muito tempo<sup>1</sup>.

O presente artigo quer destacar, além de abrir os horizontes para outras questões, o conflito que a pessoa de Judas, o traidor, representou nos primórdios da Igreja. Esta reflexão tem como ponto de partida o seguinte texto de Mc 14,21:

<sup>1</sup> BROWN, R. E. *The Death of the Messiah, From Getsemane to the Grave*. Vol. 2. New York-London 1994, p. 1396: "The figure of Judas scarcely helped the Christian image; Indeed an opponente like Celsus could point to him as an erroneous choice by the supposedly divine Jesus (Origen, *Contra Celsum* 2.1)". Cf. LAEUCHLI, S. *Origen's Interpretation of Judas Iscariot*. Church History 22 (1953) 253-254.